

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



ΑΔΑΜΟΣ ΕΥΡΕΤΕΣ ΕΙΣ ΤΗΝ ΑΓΡΙΑΝ ΟΥΡΑΝΟΝ

ΕΥΡΕΤΕΣ ΕΙΣ ΤΗΝ ΑΓΡΙΑΝ ΟΥΡΑΝΟΝ

ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

«Ritual, Commemoration, Values» (pp. 445-563), entra a fundo nas questões da religiosidade e na forma como esta determina e é determinada pela família, ao mesmo tempo que aborda a problemática das suas representações.

Em síntese, confirmando a qualidade a que a Blackwell já nos habituou, este «Companion» é mais um excelente instrumento de trabalho para os estudiosos da Antiguidade Clássica e deve marcar presença em todas as boas bibliotecas dedicadas ao assunto. A obra reúne os contributos de 32 autores, alguns especialistas reconhecidos nos seus campos de estudo, dos quais destacamos E. Cantarella (direito greco-romano), S. Dixon (mulher romana), J. F. Gardner (mulher e direito em Roma), M. Golden (criança grega), C. Laes (criança e jovens em Roma), D. Noy (estrangeiros e alteridade em Roma), D. Ogden (religião e mitologia grega, Alexandre e período macedónico) e C. Osiek (judaísmo e cristianismo antigos).

O livro inclui uma extensa bibliografia, glossário, mapas, figuras, respectivas legendas e índice misto.

Nuno Simões Rodrigues

RADCLIFFE G. EDMONDS III, *Redefining Ancient Orphism. A Study in Greek Religion*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 451 pp. ISBN 978-1-107-03821-9 (£70.00, US\$110.00)

Este livro deverá constituir-se dos melhores estudos alguma vez feitos sobre o orfismo. Nele, encontramos a recolha, a síntese e a reavaliação da informação coligida e tratada tanto pelos primeiros autores a dedicarem-se ao estudo dos órficos e da religião órfica, como pelos já «clássicos do orfismo» (e.g. Guthrie e Bernabé – aliás, abundantemente citado na bibliografia (23 títulos) e ao longo do texto, o que por si só expressa a qualidade do livro que temos em mãos, visto tratar-se de um autor anglófono que demonstra o conhecimento que tem dos seus pares, falantes de outras línguas, como o castelhano!).

Orfeu e o orfismo são elementos centrais na cultura grega, tanto quanto o facto de se identificarem com aspectos mitológicos, por um lado, mas também com um sistema religioso hoje mal conhecido mas que sabemos integrar-se nas religiões ditas de mistérios. Entre vários outros aspectos, o orfismo valorizava a culpabilidade humana (quase um pecado original relacionado com a morte de Dioniso) e a punição do mal numa vida além-túmulo e a posterior transmigração cíclica das almas para uma existência superior, como acontecia também no pitagorismo. O objectivo do crente era o de vir

a habitar a ilha dos Bem-Aventurados. Pelas semelhanças que encontramos com o dionisismo e o cristianismo e pelo papel que, sobretudo este, veio a ter na história do mundo antigo, avaliamos de imediato a importância do tema para os estudos da Antiguidade e, por consequência, do livro em recensão.

O A. começa por redefinir o conceito de «orfismo», tentando perceber o que os Antigos Gregos consideravam o entendiam por «órfico». Neste sentido, também se destaca o facto de aquele ser um conceito utilizado na Antiguidade, mas também uma categoria da filologia e da historiografia modernas, levando a ter em atenção a problemática do anacronismo no âmbito dos estudos órficos. Aliás, eis outro aspecto positivo do livro de Edmonds, o A. entra em diálogo com os seus pares, apresentando os argumentos alheios mas propondo teses alternativas, sem se descuidar nas razões por que o faz. Assim, em contraciclo (e.g. de Bernabé) e regressando às fontes em detrimento das categorias modernas e contemporâneas, o A. considera que «a redefinition of ancient Orphism requires a polythetic definition that accommodates the complexities of the ancient contexts rather than the sort of monothetic definition that identifies Orphism by its scriptures and doctrines» (p. 9). O A. põe assim em causa que um núcleo de doutrinas ou crenças possa, por si só, explicar um sistema religioso, exigindo-se, em contrapartida, uma contextualização dos dados no quadro geral do pensamento religioso que lhes deu origem (p. 395). Bastará recordar, e.g., que a natureza da religião grega era avessa a sistemas doutrinários que constituíssem fórmulas ortodoxas.

Neste sentido, revela-se também de particular importância a síntese incluída na parte I («Introduction: Definitions Old and New») e em que podemos ler do «Orphism through the ages. A History of Scholarship» (pp. 11-70), onde não faltam as leituras cristãs, medievais, neoplatónicas e renascentistas deste sistema religioso-filosófico.

As partes II e III («Orphic Scriptures or the Vaporings on Many Books?», pp. 95-191, e «Orphic Doctrines or the Pure from the Pure», pp. 195-391) centram-se sobretudo nas problemáticas da doutrina, através do que os textos dizem. Ganha assim particular destaque a exegese dedicada ao célebre Papiro Derveni que, além de ser o único livro antigo (sec. IV a.C.) alguma vez encontrado na Grécia, é tido como uma das principais, se não a principal mesmo, fontes para o estudo do orfismo por conter um poema religioso órfico. É igualmente importante o debate que mantém acerca das concepções e doutrinas de natureza órfica, como a questão da vida *post mortem*, da escatologia, da alma, o problema da culpa e do perdão, do sofrimento e da redenção, bem como da morte da divindade (Dioniso), associados ao orfismo. Ao inserirmos estes problemas no quadro conceptual acima enunciado, somos automaticamente advertidos da complexidade da problemática em

análise. É nisso (na metodologia) que o estudo de Edmonds é exemplar, independentemente de concordarmos ou não com as conclusões a que chega.

A uma bibliografia extensa e actualizada juntam-se índices temáticos e de passos citados, que valorizam em muito o livro em análise.

Trata-se de um estudo polémico, naturalmente, até pela natureza do discurso assumida pelo A. Mas é um trabalho indiscutivelmente bem documentado, apresentando aos seus leitores as ferramentas para a concordância ou o seu contrário. Teria sido interessante encontrar um capítulo autónomo em que se fizesse a comparação específica com outras religiões de mistérios da Antiguidade, designadamente o cristianismo, que, contudo, se vai insinuando ao longo do livro. Mas é claro que essa seria matéria para outra publicação. Aguardamo-la.

Nuno Simões Rodrigues

FIONA HOBDEN, *The Symposion in Ancient Greek Society and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 299 pp. ISBN 978-1-107-02666-7 (£60.00, US\$99.00)

Lançado no ano de 2013, este estudo de Fiona Hobden vem debruçar-se na análise da temática simposíaca. O *symposion* é uma temática que tem vindo a despertar um crescente interesse entre os classicistas em geral, quer pela sua complexidade, quer pelas múltiplas vias disponíveis para a sua análise. Mais do que um mero momento de partilha comunitária de bebida, o *symposion* era um espaço para as elites puderem consolidar e reforçar interesses políticos e sociais à margem de uma comunidade maior (p. 1).

Hobden diz-nos que a marca dos ritos simposíacos nos dias de hoje é visível especialmente nas manifestações artísticas do próprio tema que sobreviveram até à actualidade, nomeadamente na literatura e nas artes plásticas. Contudo, a Autora questiona a objectividade dessas mesmas representações, afirmando que estas podiam ser apenas uma parte da narrativa destinada a um certo tipo de público. Tal permite-nos concluir que estas representações são apenas conceptualizações de cariz abstracto que nos dão a sua visão sobre o tema, através de uma forte componente narrativa (pp. 2-3).

Depois desta consideração tecida sobre as representações artísticas do tema, a A. classifica o mesmo como uma miragem. Para ela, o *symposion* era um tema com uma complexidade que lhe era inerente. Este englobava tantos conceitos e ideias que era impossível criar uma definição estanque do tema. Assim, Hobden inicia a sua análise, tendo como suporte a literatura, na